

# BJIR

Brazilian Journal of  
International Relations

ISSN: 2237-7743 | Edição Especial | volume 7 | edição nº 3 | 2018

*Reascensão da política de segurança  
russa na Ásia central por meio da  
Organização para Cooperação de Xangai  
(OCX)*

Alexandre César Cunha Leite  
Arthur Mastroiani Maximo de Lucena  
Fábio Nobre

 **Igepri**  
Instituto de Gestão Pública e  
Relações Internacionais

 **unesp**  
Universidade Estadual Paulista  
"Júlio de Mesquita Filho"

A Brazilian Journal Of International Relations (BJIR) está indexada no International Political Science Abstracts (IPSA),  
EBSCO Publishing e Latindex

## REASCENSÃO DA POLÍTICA DE SEGURANÇA RUSSA NA ÁSIA CENTRAL POR MEIO DA ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO DE XANGAI (OCX)<sup>1</sup>

*Alexandre César Cunha Leite<sup>2</sup>*

*Arthur Mastroiani Maximo de Lucena<sup>3</sup>*

*Fábio Nobre<sup>4</sup>*

**Resumo:** O artigo tem como finalidade abordar a expansão da política externa da Rússia na Ásia Central, com método dedutivo e estudo de caso na Organização para Cooperação de Xangai (OCX), tomando esta como uma Instituição cujo objetivo é a segurança coletiva dos seus países membros. Partindo do momento em que Vladimir Putin assume o poder já no início do século XXI até o ano de 2015, visto que são os anos cruciais em que o país inicia sua reascensão no cenário internacional, a Rússia, bem como a China, atores mais importantes dentro da (OCX), atuam juntos contra o terrorismo, movimentos separatistas, conflitos de fronteiras, tráfico de drogas, migração, dentre outras temáticas de segurança. Diante disto, por meio da Teoria dos Complexos Regionais de Segurança, será discutido como a Rússia tem feito sua expansão de política externa no âmbito de segurança na região da Ásia Central e como a Organização é fundamental neste processo, visto que a Rússia opta por ser um Estado forte e centralizador em seus assuntos de política externa, e a sua participação na Organização é um instrumento internacional importante de atuação, com o seguinte problema de pesquisa: diante da reascensão da Rússia no cenário internacional no século XXI, como o país consegue impor sua agenda de política externa em segurança na Ásia Central, por meio da Organização para Cooperação de Xangai?

**Palavras chave:** Rússia; segurança; complexos regionais; política externa.

## REAFFIRMING OF THE RUSSIAN SECURITY POLICY IN CENTRAL ASIA THROUGH THE SHANGHAI COOPERATION ORGANIZATION (SCO)

<sup>1</sup> Os autores agradecem aos pareceristas pelas contribuições à versão final.

<sup>2</sup> Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ásia-Pacífico (GEPAP/UEPB/CNPq). Pesquisador do Grupo de Pesquisa sobre Potências Médias (GPPM/PUCMINAS/CNPq). Pesquisador do Instituto de Estudos Ásia (IEA/UFPE). Email: alexccleite@gmail.com

<sup>3</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba. Email: arthurmastroiani@gmail.com

<sup>4</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba. Email: fabio.f.nobre@gmail.com

**Abstract:** This paper aims to address and expand Russia's foreign policy in Central Asia, with deductive method and study of case in Organization for collective security of its members called the Shanghai Cooperation Organization (SCO), starting from the moment that Vladimir Putin assumes power no longer the beginning of the 21st century, since it is one of the crucial moments in which Russia begins its re-emergence on the international stage. As the main focus of the Organization and a collective security, a Russia, as well as a China, major actors within the International Organization, (OCX), act together against terrorism, separatist movements, border conflicts, drug trafficking, migration, among other security topics. Moreover, by means of the Regional Security Complex Theory, it will be discussed how Russia has made its foreign policy expansion in the Central Asian region and how the Organization is fundamental in this process, since Russia chooses to be a strong and centered on its foreign policy issues and its role in the Organization is an important international instrument of action, with the following research problem: facing Russia's re-emergence on the international stage in the 21st century, which extent the country manages to impose its security agenda in Central Asia, through the Shanghai Cooperation Organization?

**Keywords:** Russia; Security; Regional Complex; Foreign Policy.

## **I. Considerações Iniciais**

O presente artigo tem como finalidade analisar a atuação da política externa russa na Ásia Central na temática de segurança, por meio do estudo de caso da Organização para Cooperação de Xangai (OCX), com a seguinte problemática: diante da reascensão<sup>5</sup> da Rússia no cenário internacional no século XXI, como o país consegue impor sua agenda de política externa em segurança na Ásia Central, por meio da Organização para Cooperação de Xangai, entre 2002 a 2015?

Este artigo encontra-se dividido em duas seções principais. A primeira seção trata o regionalismo na Ásia Central e como a participação da Rússia faz-se presente, via OCX. Considerou-se relevante para compor o cenário um breve recordatório da Organização.

Neste sentido, discute-se o interesse que a Rússia, na pessoa de Vladimir Putin, tem na região, desde a extração de recursos energéticos, como petróleo e gás natural, até geopoliticamente estratégico para expansão da zona de influência russa e conter a expansão do mercado Ocidental na Ásia Central. Neste aspecto, para a construção do cenário explicativo de atuação da política externa russa na OCX, será utilizada a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (TCRS), aplicando suas características teóricas na OCX e o papel da Rússia e a China dentro da Organização.

É importante enfatizar que não será abordado nenhum argumento de surgimento ou defesa de poder hegemônico para a região da Ásia Central, visto que, mediante o contexto atual e desempenho dos países abordados no presente artigo, ainda não há um poder hegemônico de fato, mas, sim, tentativas de projeção de poder, o que será contextualizado pela Teoria dos Complexos Regionais de Segurança. Entende-se que a Rússia tem um relevante papel no cenário regional da Ásia Central, mas não se compreende que seja uma disputa por uma hegemonia.

A segunda seção será focada na política externa russa na área de segurança e como o país alinha sua agenda de segurança com a Organização para Cooperação de Xangai. Neste ponto em específico, a China terá um papel importante na Organização Internacional, visto que dividirá responsabilidades de liderança com os russos.

O método utilizado foi o dedutivo, partindo da análise da política externa da Rússia pela sua agenda de segurança, com o estudo de caso da Organização para Cooperação de Xangai. A

---

<sup>5</sup> Foi inserido o termo “reascensão” para ilustrar a Rússia como tendo uma retomada de projeção de liderança no cenário internacional, com foco específico na Ásia Central, em sua agenda de segurança. A primeira “ascensão” seria com relação à URSS, quando dividia o eixo bipolar mundial com os Estados Unidos como uma potência.

abordagem do artigo parte do estudo exploratório, com a hipótese de que a OCX é um meio de atuação que a Rússia utiliza para aplicar sua agenda de segurança na Ásia Central, proporcionando ao país maior relevância regional.

Sobre a bibliografia usada para abordar o método dedutivo e associá-lo ao estudo de caso, utiliza-se a abordagem apresentada por Prodanov e Freitas (2013), Berg (2001), Venesson (2008), Henriques, Leite e Júnior (2015).

Ainda sobre o método dedutivo, este utiliza para a pesquisa a ótica de análise do geral ao específico, empregando leis, teorias ou princípios considerados como verdades indiscutíveis para explicar casos particulares com base racional, com intuito de verificar hipóteses. Como a racionalidade é um dos principais objetivos do método, conforme defendido por Descartes, Spinoza e Leibniz (autores tradicionais), afirmavam que apenas a razão pode levar ao verdadeiro conhecimento como ciência, ou seja, “Por intermédio de uma cadeia de raciocínio em ordem descendente, de análise do geral para o particular, chega a uma conclusão. Usa o silogismo, a construção lógica para, a partir de duas premissas, retirar uma terceira logicamente decorrente das duas primeiras, denominada conclusão” (Prodanov e Freitas, 2013, p. 27).

Nas Ciências Sociais, o uso do método dedutivo é mais restritivo em comparação com as Exatas, visto que é utilizado mais como uma tautologia, ou seja, permite a conclusão em formas diferentes partindo de um mesmo raciocínio (Prodanov e Freitas, 2013). Ainda neste contexto, pode acontecer do estudo ou pesquisador usar o método dedutivo e o indutivo<sup>6</sup> ao mesmo tempo, em algumas circunstâncias que a teoria usada pode levar a discussão das duas abordagens, o que não é a proposição do presente artigo, que possui seu foco no dedutivo. Todavia, é importante destacar que os dois métodos, conforme afirma Berg (2001), apresentam frutos satisfatórios na pesquisa da ciência social (Berg, 2001).

No método dedutivo, o instrumento mais utilizado é o estudo de caso, justamente por utilizar na sua cadeia causal eventos particulares partindo de um princípio, teoria e leis mais gerais. “Estudos de caso são essenciais para descrever, categorizar, gerar tipologias e hipóteses e, por fim, explicar manifestações de fenômenos a partir do estudo de eventos selecionados, úteis para lançar luz sobre uma classe de fenômenos.” (Henriques, Leite e Júnior, 2015, p. 13).

Os estudos de caso são utilizados para avaliar teorias, formular hipóteses e explicar acontecimentos particulares por construções causais. O grande desafio então seria descobrir, a

---

<sup>6</sup> É o método responsável pela generalização, partindo de uma análise particular. Ao contrário do método dedutivo, este parte da análise de um fenômeno específico com o objetivo de chegar em uma lei geral, utilizando a observação e experimentação como instrumentos de pesquisa e avaliando assim a relação entre dois fenômenos para sua generalização, advindo da realidade concreta (Prodanov e Freitas, 2013).

partir da análise específica, um conhecimento generalizável e que tenha relação com outros casos, já que o fenômeno analisado empiricamente seria a amostra de ocorrências maiores (Venesson, 2008).

## **II. Regionalismo na Ásia Central via Organização Para Cooperação De Xangai (OCX) e Aplicação da Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (TCRS)**

Como demonstrado na seção anterior, percebe-se que a Rússia contemporânea está diante de uma nova perspectiva no que diz respeito a sua política externa e interna, ou seja, Putin está usando um tipo de política diferenciada, distinta do que fora no governo de Yeltsin ou até mesmo durante o regime soviético na antiga URSS. Tal política consistiria em agir de forma a abrir o capitalismo em suas relações externas e com forte controle estatal, sem fechar-se com protecionismo. Assim, a Rússia age muitas vezes por meio de bilateralismo com países capitalistas desenvolvidos ou em desenvolvimento (como a nova aproximação com a União Europeia envolvendo o comércio energético e contato mais amplo com os Estados Unidos na ONU). Além disso, o que também se observa é a busca de ser um novo líder no século XXI, mas diferente do que fora no passado, e um dos meios usados seria o regionalismo na Ásia Central, principalmente envolvendo a temática de segurança e armamento bélico (Segrillo, 2011).

Conforme apresenta o autor Teemu Naarajärvi (2012), discute-se justamente sobre esta temática envolvendo, além da Rússia, a participação da China e dos países da Ásia Central em uma Organização voltada para a temática de segurança e de geopolítica, chamada de Organização para Cooperação de Xangai (OCX).

A OCX é uma Organização que foi criada em 2001, com o intuito de realizar uma cooperação abarcando inicialmente a área militar, mas que também tinha interesse em aplicar as práticas políticas e econômicas em tornados países membros (China, Rússia, Uzbequistão, Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão<sup>7</sup>) (Naarajärvi, 2012).

Com relação à regionalização na Ásia, este é um tópico conflituoso no continente, visto que a distinção cultural, política e econômica é muito alta, fazendo com que estes organismos regionais tenham dificuldade de crescimento ou desenvolvimento, diferentemente do que ocorreu com a União Europeia que possui até uma centralização supranacional legítima e moeda única com os países membros da União. Sob esta perspectiva, será levada em

---

<sup>7</sup> Índia e Paquistão entram na Organização para Cooperação de Xangai em 2015 (Ribeiro, 2015).

consideração apenas a região da Ásia Central e a dinâmica da OCX com seus membros (Bros e Richard, 2011).

Introduzindo mais dinamicamente a Rússia na OCX, percebemos que Putin tem o intuito de retomar uma posição de liderança estatal, mas não da mesma forma imperial como aconteceu da URSS e sim a nível regional, e a Ásia Central é um dos objetivos principais do governo russo. Neste sentido, diante de várias características que contribuem para a posição de liderança de um país a nível regional, o âmbito militar é um dos elementos de política externa mais forte defendido pela Rússia para sua expansão na Ásia (Segrillo, 2012).

A Rússia, de acordo com os dados do *Federation of American Scientists* (2017), é um dos líderes que possuem forte armamento bélico e nuclear, dados tão expressivos que são até maiores que os próprios Estados Unidos. Conforme apresenta na tabela abaixo, percebemos como é relevante o desenvolvimento militar que a Rússia possui e que é um Estado com capacidade elevada para ser um líder regional no âmbito militar:

**Quadro1.** *Status of World Nuclear Forces 2017*

Country	Deployed Strategic	Deployed Nonstrategic	Reserve/ Nondeployed	Military Stockpile	Total Inventory
Russia	1,710	0	2,590	4,3	6,800
United States	1,650	150	2,200	4,000	6,600

**Fonte:** Elaboração própria com base em *Federation of American Scientists*, 2017<sup>8</sup>.

Todavia, a China também tem esse objetivo de ter espaço de liderança regional e que, devido ao seu crescimento exponencial nas últimas décadas, principalmente após os anos de 1990 na área econômica e militar, faz com que a Rússia não consiga atingir objetivos mais ótimos ao seu favor, no que tange a Ásia Central. Diante desta problemática, China e Rússia dentro da OCX irão debater assuntos de segurança regional que impactam seus interesses mútuos, como o terrorismo, problemas de separatismo e imigração, o que são essenciais para a manutenção da OCX e neste aspecto, a Organização vem trazendo benefícios interessantes, principalmente para os membros menores (Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e

<sup>8</sup> Como ler tabela 1: As ogivas estratégicas implantadas (*Deployed strategic war heads*) são aquelas implantadas em mísseis intercontinentais e em bases de bombas pesadas. As ogivas não estratégicas implantadas (*Deployed nonstrategic war heads*) são as implantadas em bases com sistemas operacionais de entrega de curto alcance. As ogivas de reserva / não implantadas (*Reserve/Non deployed war heads*) são aquelas não utilizadas em lançadores e armazenadas. O estoque militar (*The military stockpile*) inclui ogivas que estão sob custódia das forças armadas e destinada a ser usada por veículos de entrega comissionados. O inventário total (*total inventory*) inclui ogivas no estoque militar, bem como desativadas, mas ainda intactas, ogivas em fila para o desmantelamento (FAZ, 2017).

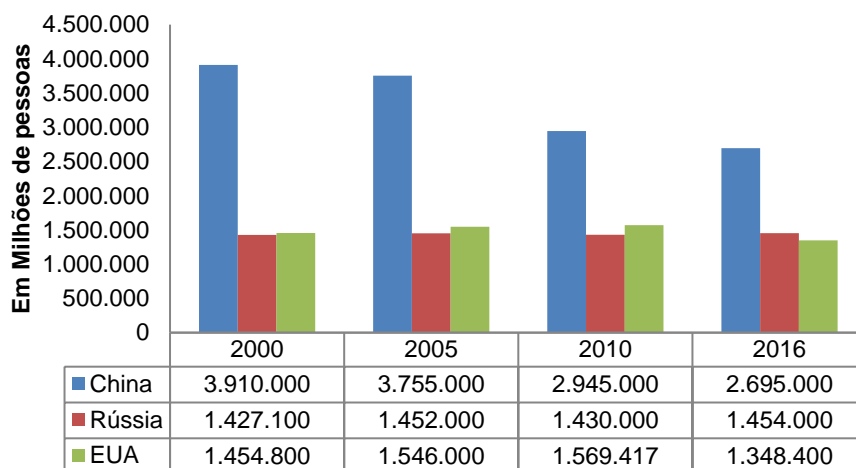
Uzbequistão), que acompanham este desenvolvimento da OCX participando como observadores (Naarajärvi, 2012).

Rússia e China, por serem os Estados de maior peso político e econômico dentro da OCX, fazem com que a Organização tenha maior visibilidade internacional e que seja vista com seriedade. No entanto, estes dois atores têm interesses muito distintos, até por quererem o mesmo objetivo de liderança regional e não dar espaço ao outro para assumir tal posto. Mas Naarajärvi (2012) traz à tona que, mesmo existindo interesses diferenciados entre os dois atores, a cooperação entre eles e conseqüentemente com os países membros menores da OCX se faz necessária, visto que os problemas de segurança que enfrentam mutuamente não podem ser contidos apenas a nível doméstico, forçando assim a cooperação entre eles.

Uma vez que a Rússia passou por um desmantelamento profundo durante sua recente democracia na década de 1990 e retornando a um controle mais ordenado já no início do século XXI sob o governo de Putin, percebe-se a necessidade de crescimento a nível externo do país. Medidas como participação em regionalismos e, no caso em questão, na OCX, foram algumas das vias cabíveis que a Rússia buscou para acompanhar o novo Sistema Internacional e influenciar por meio do âmbito que mais investiu no passado e ainda investe, que é o setor de segurança e militar (Segrillo, 2011).

No que concerne à China, este foi o país que, mesmo na crise de 2008, aumentou ou manteve seu PIB em torno de 7%, muito acima da média do mundo. Diante disto, a China tem um peso muito considerável nos assuntos internacionais e no âmbito militar e de segurança não seria diferente. Houve investimento expressivo no exército e em armamentos para segurança, conforme apresenta gráfico em comparativo com Rússia e Estados Unidos:

**Gráfico 1.** Forças Armadas Rússia – China – EUA

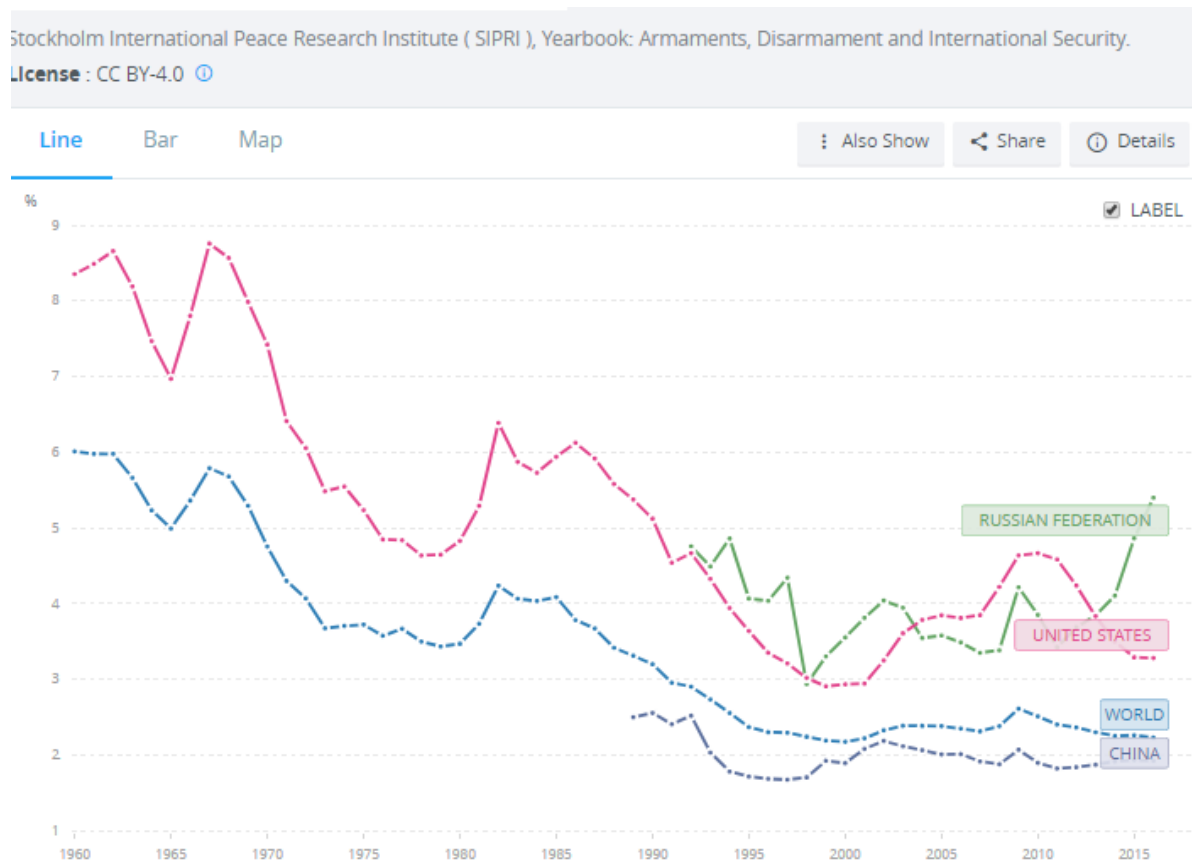


**Fonte:** Elaboração própria, com base em *Word Bank*, 2016.



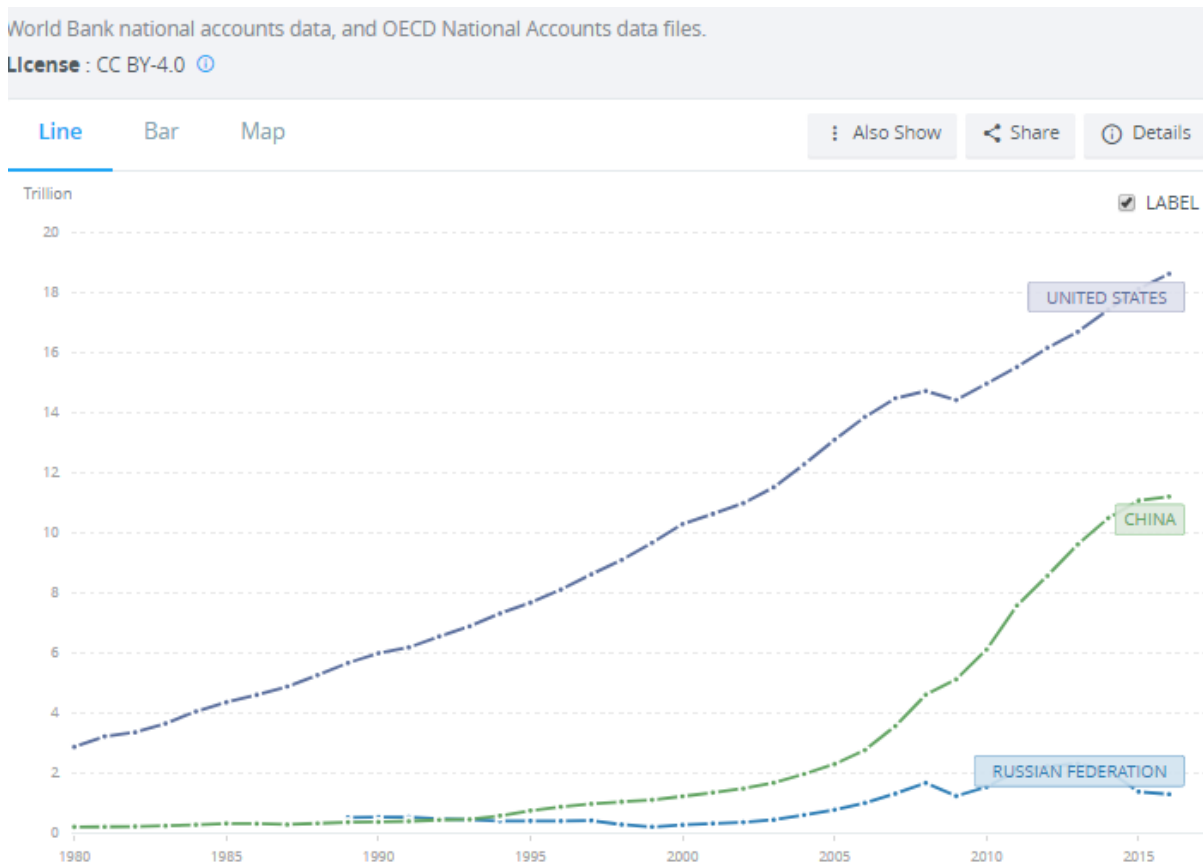
Neste aspecto, a China destaca-se dos outros dois países comparados, visto que sua sociedade é uma das mais populosas do mundo, o que consequentemente expressa muito acima da média no setor armamentista, mesmo que venha decaindo no decorrer dos anos (2000 a 2016). Comparativamente, contextualizando com os gastos militares que os três países citados realizaram a partir do PIB, chegamos ao seguinte cenário, de acordo com o Banco Mundial:

**Figura 1. Military Expenditure (% of GDP)**



Fonte: World Bank, 2016.

**Figura 2. GDP (current US\$)**



Fonte: World Bank, 2016.

Mesmo a China possuindo mais aptos militarmente em suas forças armadas, consequência direta da sua numerosa população, a Rússia foi o país que mais investiu em gastos militares comparando com o PIB doméstico de cada país (Rússia acima de 5%, Estados Unidos e China em torno de 3% e 2%, respectivamente). Todavia, o PIB dos EUA e China são muito superiores ao da Federação Russa, concluindo assim que na prática, os dois países possuem maior investimento no setor militar<sup>9</sup>.

Voltando sob a ótica da OCX, é imprescindível para o governo chinês realizar a manutenção da segurança em sua região e, mais precisamente, na Ásia Central, ter um organismo como a OCX é relevante para ter o controle de problemas mútuos de segurança, como o terrorismo e separatismo (Freire, 2013).

A OCX tem alguns objetivos que ela almeja. O principal deles seria barrar as disputas de fronteiras na Ásia Central, da China e repúblicas recém-independentes da ex-URSS. Os mais secundários seriam: a) barrar o terrorismo e o tráfico de drogas, b) ter um clube de energia na

<sup>9</sup> Em trilhões de dólares: Federação Rússia US\$ 1.283 trilhão; China US\$ 11.199 trilhões; EUA US\$ 18.624 trilhões (World Bank 2016).

OCX (defendida por Putin), c) maior abertura comercial (defendida pela China), d) abertura cultural (dificuldade frente à disparidade cultural dos membros), e) Integridade política, soberania e do território (uma das maiores dificuldades) (Naarajärvi, 2012).

Tais objetivos na Organização levam a um receio Ocidental, que seria uma aliança renovada entre Rússia e China, ou seja, uma Ásia Central mais pacífica e estável levaria ao fortalecimento da região, o que entra em conflito os interesses da União Europeia. Em outras palavras, o mercado ocidental na Ásia Central ficaria mais fraco (Naarajärvi, 2012).

Os fatores apresentados na Organização para Cooperação de Xangai reforçam a noção de que o Sistema Internacional deu espaço a novos atores internacionais, diminuindo consequentemente a centralidade que antes era apenas entre os Estados soberanos. O regionalismo é uma das formas de se incluir no globo e como qualquer sistema, também passou por melhorias e ajustes. O regionalismo em sua concepção tradicional foca-se nas trocas sociais, políticas e comerciais de uma mesma região, a fim de uma intenção de integração dos membros envolvidos. Já para o novo regionalismo, além das características tradicionais já apresentadas, também se destacam os aspectos culturais e ecológicos (Hettne, 2000).

Alguns fatores contribuíram para o novo regionalismo, dentre eles, pode-se destacar a globalização da economia, a regionalização da política, as mudanças ocorridas na ordem mundial (bilateral, unilateral e posteriormente multipolar), a mudança de tipos de intervenções (superpotência ou abordagem *botton up*), os tipos de comércio entre mais abertos/liberais contra protecionistas e os tipos de atores internacionais (além dos Estados soberanos, outros organismos de atuação, a exemplo das Organizações Regionais). Na OCX, observa-se um sistema multipolar, abordagem *botton up*, uma abertura comercial globalizada e liberal e agenda diversificada (Hettne, 2000).

Em frente a tais transformações, a Rússia enfrenta um novo Sistema Internacional mais dinâmico, globalizado e industrializado e quer acompanhar o ritmo mundial seguindo as tendências dos atores estatais, que é se apoiar em Organizações regionais. Usando seu ponto forte e de grande investimento, que seria o âmbito de segurança e militar, bem como a participação em regionalismos, a exemplo da OCX, faz com que tenha um novo direcionamento de liderança na região. A dificuldade da conquista desta liderança seria a China, pois tem os mesmos objetivos que a Rússia, dificultando assim ter a influência necessária para ser um líder regional. Como os dois atores dependem um do outro para resolver diversos temas de segurança, a cooperação entre eles e os países da Ásia Central se faz necessária para resolução de problemas mútuos envolvendo segurança (Naarajärvi, 2012).

As investidas da Rússia na Ásia Central podem ser contempladas com a contribuição de armamentos para aprimorar a segurança da região e nas relações comerciais envolvendo produtos energéticos, ao mesmo tempo em que a China também visa objetivos semelhantes que seu parceiro asiático. A cooperação entre ambos os Estados na OCX é crucial, por mais que exista uma disputa de liderança asiática. Diante de um Sistema Internacional mais multipolar e integrado, a necessidade de cooperação é evidente (Freire, 2013).

Desde que Putin assumiu o poder já no início do século XXI, se observou uma Rússia com novo direcionamento de política externa, mantendo uma posição de Estado forte e centralizador nas suas discussões, ao mesmo tempo em que se moldou ao capitalismo e a dinâmica econômica mundial, inserindo-se principalmente no mercado energético. Neste aspecto, voltando a atenção para OCX, percebe-se também o mesmo posicionamento de Estado forte e centralizador da Rússia dentro da Organização, visto que os principais assuntos de segurança coletiva entre os membros basicamente são gerenciados pela própria Rússia ou China (Sagrillo, 2012; Naarajärvi, 2012).

As reuniões que discutem sobre segurança dentro da OCX, envolvendo políticas de contenção sobre terrorismo, tráfico de drogas, conflito entre fronteiras dos países membros, tráfico de pessoas, dentre outros temas já mencionados no presente artigo, demonstram claramente posicionamentos que a própria Rússia utiliza em sua política doméstica. Esta característica é um entendimento claro de como a Rússia espelha seu interesse interno em um Organismo Internacional (Naarajärvi, 2012).

Apresentado o argumento sobre a OCX, para construção do cenário explicativo da atuação da política externa russa à Organização Internacional em questão, será aplicada a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (TCRS), executando suas características teóricas na OCX e o papel da Rússia e a China dentro da Organização.

Antes de adentrar em uma análise específica da Organização para Cooperação de Xangai usando a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (TCRS), faz-se necessária uma conceitualização breve da teoria de acordo com os seus formuladores, Buzan e Wæver (2003).

Buzan e Wæver (2003) trazem à tona, pela Escola de Copenhague (EC), uma teoria que envolve o âmbito da securitização chamada Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (TCRS), em que enfatizam os processos regionais a partir da ótica de segurança entre os Estados. Conceitualmente, os autores definem os Complexos Regionais de segurança como “um conjunto de unidades cujos principais processos de securitização, dessecuritização ou ambos estão tão interligados que seus problemas de segurança não podem [ser] razoavelmente analisados ou resolvidos independentemente um do outro” (Buzan e Wæver, 2003: 491).

Especificamente sobre as abordagens feitas pela Escola de Copenhague, é necessário destacar que, na área de segurança internacional, o estudo tem fluidez no debate proposto, muitas vezes permutando em abordagens tradicionalistas com não tradicionalistas. Para o presente artigo, será tomado como base o argumento de Grace Tanno (2003), dividindo em três âmbitos principais: tradicionalista, abrangente e crítica, mas não significa que o debate em segurança internacional seja dividido desta forma (como por exemplo, dos Estudos de Paz que perpassa pelos três âmbitos propostos por Tanno (2003)).

A EC enquadra-se na perspectiva abrangente, vista que as ameaças à segurança advêm, além do âmbito militar, também do âmbito societal, política e econômica, ou seja, desprende-se totalmente da visão tradicionalista/realista que era predominante durante a Guerra Fria. Conseqüentemente, é imprescindível destacar sua importância para os estudos sobre securitização e temas relacionados à segurança internacional. A EC, além da contribuição avançada sobre os estudos já citados, também proporcionou debates envolvendo os Estudos de Paz. Está incluída veementemente nos estudos em relações internacionais sobre segurança entre os Estados e contribui com a adição de novos temas dentro do mesmo âmbito (Tanno, 2003).

Além da contribuição pela Teoria dos Complexos Regionais de Segurança, também estabelece debates de cunho construtivista sobre securitização, em que argumenta que os processos da segurança internacional são socialmente construídos, e dentro deste processo, as ameaças são construídas e mudam sua natureza inicial e final, transformando-as dentro do que é securitizado pelos tomadores de decisão, geralmente os Estados soberanos (Tanno, 2003).

A proposta tradicionalista, que tem viés voltado para as premissas teóricas realistas, argumenta que os estudos em segurança devem se restringir às questões militares e poupar o Estado como unidade básica de análise. Sobre o tipo abrangente indica que os estudos de segurança devem envolver mais elementos argumentativos. Além de incorporar ameaças militares, também leva em consideração o âmbito político, econômico, ambiental e societal. Por fim, a perspectiva crítica, associada à Escola de Frankfurt, propõe que as pesquisas de segurança devam colaborar para a autonomia humana. Afirma que “os teóricos críticos salientam que outros valores como a igualdade e a liberdade, além da segurança, devem ser priorizados pelos acadêmicos” (Tanno, 2003: 50).

Voltando a atenção para a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança (TCRS), podemos destacar algumas de várias características que Buzan e Waever (2003) trazem à tona, conceitos atrelados a compreensão principal da teoria, que seria o que se entende por “poder regional”, “securitização”, “dessecuritização”, “comunidade de segurança” e “spill over”. Será

destacado o que cada um representa e posteriormente será feita a análise comparativa com a OCX (Buzan e Wæver, 2003).

O “poder regional” para os autores está muito vinculado com um ator que determina a estrutura da polaridade de uma segurança regional específica (Buzan e Wæver, 2003). Já o processo de securitização, nas palavras dos autores, seria “um conjunto de unidades cujos principais processos de securitização, desecurização ou ambos estão tão interligados que seus problemas de segurança não podem razoavelmente analisados ou resolvidos independentemente um do outro” (Buzan e Wæver, 2003), enquanto que a “desecurização” seria “um processo pelo qual uma comunidade política destrói ou deixa de tratar algo como uma ameaça existencial a um objeto referente valorizado e reduz ou interrompe o chamado para medidas urgentes e excepcionais para lidar com a ameaça” (Buzan e Wæver, 2003).

“Comunidade de segurança” e “spill over” já irão tratar sobre a relação de dependência e influência de transbordamento que os complexos regionais estão atrelados. No primeiro, os autores vão enfatizar que existe uma “comunidade de segurança” quando há um padrão de interdependência de segurança entre os Estados participantes e que o uso da força está inserido nas duas relações políticas para garantia da segurança de todos. O segundo fenômeno acontece apenas quando há um transbordamento da problemática que está sendo tratada no âmbito da segurança e atinge além das fronteiras estatais da comunidade (Buzan e Wæver, 2003).

Dito isto, passamos para o comparativo da TCRS com a Organização para Cooperação de Xangai. Geograficamente, a OCX está focada na Ásia Central, com países que possuem um nível de potência menor (Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão) e que fazem fronteira com duas grandes potências, também participantes da OCX (Rússia e China). Como entre os membros pertencentes da Organização possuem polaridade de força desigual, acaba se tornando bipolar, ou seja, foca-se nas duas grandes potências dentro da OCX, que seria Rússia e China.

Há dois tipos básicos de complexos regionais de segurança: o *standard* (padrão) e o *centred* (centrados). Como não há uma potência regional unipolar na OCX, conforme dito anteriormente, pela teoria deve ser classificada como o tipo *standard*/padrão (Buzan e Wæver, 2003).

É importante destacar que, como a OCX trata-se de complexo regional do tipo *standard* (padrão), não se pode afirmar que há um poder hegemônico que opera de forma centralizada, pois a distribuição de poder bipolar impede que este ideal hegemônico se estabeleça no complexo. Segundo Buzan e Wæver (2003), poderes hegemônicos são observados no tipo centrado, pois há uma clara divisão de centro-periferia e uma liderança do *hegemon* frente aos

dominados pela influência de poder. Afirmam que “um CRS centrado é mais provável que seja estável se o centro estabelecer uma espécie de hegemonia aberta ou penetrada, onde estados dominados têm acesso ao processo político do "centro imperial"” (Buzan e Wæver, 2003: 58). Dito isto, a atuação de Rússia e China na OCX, e conseqüentemente, na Ásia Central, não podem ser identificadas como sendo práticas hegemônicas. Ainda, este não é o marco explicativo aplicado neste texto.

O princípio de ordem da Organização seria Inter-Governamental e o nível de amizade seria um regime institucional de segurança, visto que a OCX trata-se de uma Organização Internacional (os outros dois tipos que existem dentro da teoria seriam os “conflituosos” - conflitos regionais sem ordem estabelecida - e “comunidade de segurança” - já comentado anteriormente) (Buzan e Wæver, 2003).

Além das características destacadas por Buzan e Wæver (2003), também é possível afirmar que a OCX indiretamente está envolvida em temáticas de segurança do Nordeste Asiático<sup>10</sup>, visto que seus principais membros (China e Rússia) estão imersos neste contexto. Desta forma, a intensidade de ameaça é alta envolvendo os países da OCX, por causa de alguns elementos principais: a) existe transtorno comum envolvendo disputas de território e soberania; b) China possui relação conflituosa com o Taiwan, proporcionando grau de ameaça para ambos os países e influenciando na agenda de segurança da OCX; c) competição de despesas militares, principalmente entre Rússia e China sob papel de liderança dentro da OCX, d) instabilidade social e ameaça de terrorismo e e) ameaças transnacionais que envolvem os países membros da OCX com os do Nordeste Asiático, como os crimes de tráfico de drogas, compra e venda de corpos humanos, pirataria e as adversidades ambientais (Shin, 2015).

Este envolvimento com temáticas de segurança com terceiros, ou seja, países não membros da OCX, resulta uma influência direta na agenda de segurança da Organização Internacional, principalmente por China e Rússia buscarem objetivos semelhantes em segurança na OCX e suas agendas domésticas espelham diretamente a agenda da Organização.

Formalmente, a OCX é focada na promoção de segurança dos países que a integram para temas específicos de segurança, como terrorismo, movimentos separatistas, conflitos de fronteiras dos países da Organização, tráfico de drogas, migração, dentre outras temáticas de segurança que podem ser securitizados e colocados na agenda da OCX. Todavia, conforme visto anteriormente, estes mesmos temas também são observados no Nordeste Asiático envolvendo China e Rússia, ocasionando em uma influência direta na OCX.

---

<sup>10</sup>Coréias do Norte e do Sul, Japão, Taiwan, China, região do Extremo Oriente, Rússia e Mongólia.

Convencionalmente, como seu propósito em segurança é para os países que a constituem, poderia ser classificada como extremamente fechada, visto que não aceita que forças externas, principalmente ocidentais, interfiram em seus assuntos debatidos. Contudo, na prática observa-se que temas em segurança advindo do Nordeste Asiático se alinham com a OCX, caracterizando-a como aberta. O fenômeno do *spill over* observado é focado no que tange a ideologia asiática, ou seja, vai de encontro apenas aos interesses das duas grandes potências da OCX, Rússia e China (BUZAN E WÆVER, 2003; NAARAJARVI, 2012; SHIN, 2015).

Abaixo segue quadro (2) com um breve resumo da aplicação da Teoria dos Complexos Regionais de Segurança dentro da Organização para Cooperação de Xangai.

**Quadro 2.** Aplicação CRS para OCX

<b>Características</b>	<b>Organização para Cooperação de Xangai</b>
<b>Princípio de Ordem</b>	Organização Inter-Governamental
<b>Distribuição de poder</b>	Bipolar (Rússia e China)
<b>Grau de polarização</b>	Alto
<b>Tipo de CRS</b>	Standard/Padrão
<b>Número de atores</b>	Rússia; China; Cazaquistão; Quirquistão; Tadjiquistão; Uzbequistão
<b>Tipo de potências</b>	Grandes potências: Rússia e China Potências: Cazaquistão, Quirquistão, Tadjiquistão e Uzbequistão
<b>Spill Over</b>	Aberto(transbordamento de assuntos domésticos de países que integram a OCX para dentro da Organização, influência de temas em segurança do Nordeste Asiático).

**Fonte:** elaboração própria, com base em de Buzan e Waver (2003)

Este alinhamento de agendas de segurança envolvendo Rússia e China com a OCX é visto justamente porque a distribuição de poder é bipolar, conforme a Teoria dos Complexos Regionais explica. Nos principais temas debatidos e defendidos na Organização<sup>11</sup>, Rússia e China convivem diariamente e com isso há o empenho de convergência mútua de interesses domésticos em segurança dos dois Estados com a OCX.

Na agenda de segurança da Rússia em sua política externa, percebe-se a combinação entre a estabilidade doméstica do país com políticas mais assertivas e objetivas em temas

<sup>11</sup>Os principais temas da agenda de segurança da OCX são terrorismo, movimentos separatistas, conflitos de fronteiras dos países da Organização, tráfico de drogas, migração forçada (Naarajarvi, 2012).



securitizados, tendo uma retórica mais forte em comparativo com a China. A China, por sua vez, favorece o nacionalismo como ideologia estatal e o crescimento econômico voltado ao modelo socialista de mercado. Desta forma, a agenda chinesa em segurança na política externa é mais pragmática e menos objetiva que os russos, por focar mais no mercado (Freire, 2013).

Ainda sob a ótica russa, sua agenda doméstica também está muito voltada a região Ásia-Pacífico (principalmente a parte Nordeste deste), Ásia Central (por interesse geoestratégico, energético e securitários e aqui a OCX é um instrumento fundamental) e a região do Cáucaso (por causa de grupos separatistas, promovendo conflito, terrorismo (como extremistas islâmicos) e problemas de fronteira). Com isto, percebe-se naturalmente que há sim um alinhamento das agendas da Rússia e a OCX, um *spill over* aberto (Shin, 2015).

Isto posto, percebe-se que a OCX funciona como um instrumento de dupla contenção, ou seja, Rússia e China a utilizam como forma de alinhamento de agendas em segurança e contenção de influências ocidentais, principalmente dos Estados Unidos. Mesmo existindo esse alinhamento, o cenário envolvendo os dois países ainda é de desconfiança, com polaridade bilateral e interesses comuns alinhados por conveniência<sup>12</sup> (Freire, 2013; Naarajarvi, 2012).

### III. Política Externa Russa e alinhamento com a OCX

Antes de ser dissolvida, na União Soviética, a política adotada no país foi a de um Estado centralizador e com forte intervenção na economia, ditado por um único partido. Desta forma, durante o regime de Stalin, além de fortalecer estas características da URSS, de Estado centralizador e interventor na economia, também definiu o ideal de “imperialismo” do país, no sentido de crescimento da segurança do território baseado na expansão, principal característica deste tipo de política (Pons, 2008).

Com isto, a URSS atuou de uma forma em que aumentasse nas fronteiras do Estado a segurança contra invasões, segurança esta testada quando ocorreu a Segunda Guerra Mundial pela Alemanha nazista e quando eclodiu a Guerra Fria. Esta medida expansionista levou a uma expansão do socialismo à parte oriental da Europa e, conseqüentemente, aumento desta influência para a parte central, como forma de realizar um “imperialismo externo” ao território

---

<sup>12</sup>Em 2007, foi criado o Clube Energético, com objetivo de usar de forma racional os recursos disponíveis (como gás natural e petróleo) e otimizar seu acesso, transporte e disponibilização de energia, não apenas entre os membros da OCX, mas num quadro regional mais abrangente (comercialmente argumentativo e interessante para a relação sino-russa). É importante perceber que em nível energético, China e Rússia têm-se expandido, embora ambas estejam em um cenário de desconfiança, seja nas importações (China), ou exportações (Rússia). (Freire, 2013)

da União Soviética. Observando por este aspecto, percebe-se que a política não mudou na Rússia do século XXI, no sentido de ser um Estado centralizador, interventor e possuir influência externa na Europa oriental e Ásia (a exemplo da Ucrânia, país estratégico aos russos que tem ligação com a Europa nas rotas de mercado energético, principalmente gás natural) (Pons, 2008: 100).

Com o fim do período da Guerra Fria, foi trazida uma nova visão de mundo. Já sob o governo de Mikhail Gorbachev, foi levada ao país uma nova política, já que a queda da União Soviética acarretou no fim da ideologia de partido único socialista (baseados nos princípios de Marx e Lênin), a perda da identidade do partido comunista, a inserção dos primeiros passos da democracia no país e a redefinição da Rússia com sua vizinhança que se encontrava instável.

No período do governo de Gorbachev, observando a necessidade de nova adaptação da União Soviética perante o mundo, houve novas medidas de cunho político, econômico e de abertura externa, também conhecida como políticas de transição, a fim de aproximar o país dos outros Estados. Este processo é conhecido, segundo Freire (2009), por três nomes distintos (*perestroika*, *uskorenie* e *glasnost*)<sup>13</sup>. Gorbachev tinha a intenção de começar esta mudança estrutural de dentro para fora, garantindo uma nova modernização à URSS (Freire, 2009).

Todavia, os esforços de Gorbachev para trazer à URSS uma nova perspectiva estrutural ao país, neste momento, não foram muito positivos, já que a elite do país aliada aos velhos costumes ainda se encontrava forte e viva.

Com a ascensão de Boris Yeltsin ao poder, de forma mais democrática, se comparado a líderes antecessores, não se observou melhoras no país, já que se formava uma crise sem precedentes no Estado, com impactos negativos na economia, na política e na sociedade. A política neste período conseguiu ser modificada, acabando o império e surgindo a Federação, mas com a democracia ainda dando os primeiros passos (Segrillo, 2012).

Na década de 1990, a política externa da Rússia apresentou algumas características específicas, como a participação nos discursos de parceria entre governos democráticos e pela manutenção da paz, temática fortemente defendida pelos países ocidentais, principalmente pelos Estados Unidos, bem como a cooperação com a OTAN e inclusão da Rússia no G7 (que viria a se tornar o G8) além de diversas investidas de privatizações que avançavam no país com a entrada acelerada de práticas capitalistas.

---

<sup>13</sup> “... as políticas de reestruturação (*perestroika*) da economia, de aceleração (*uskorenie*) e de abertura (*glasnost*), [indicava] um curso reformista que visava a transformação política e o desenvolvimento econômico, quer a nível interno quer na política externa, não foram capazes de alterar práticas profundamente enraizadas, afastando dos seus objetivos iniciais” (Freire, 2009: 29).

Desta forma, com a situação de sua política e economia fragmentadas, a Rússia passou de ator protagonista para coadjuvante. Exemplos como a Guerra do Golfo e a da Iugoslávia<sup>14</sup>, mostram como a Rússia não teve autonomia alguma para argumentar sobre as investidas norte-americanas nos dois casos citados, apenas apoiando ou servindo de expectadora (Carmo e Pecequilo, 2010).

Quando Vladimir Putin assume o poder, observamos o esforço do governante em retomar antigas empresas estatais que tinham sido vendidas no processo de privatização realizado por Yeltsin, visto que a inserção da economia capitalista no país teve o intuito de ser acelerada e dinâmica. Os setores econômicos estratégicos, direcionados à exportação, tiveram destaque nas medidas de estatização de empresas, a exemplo do petróleo e gás natural, recursos essenciais na manutenção das práticas de política externa da Rússia, sendo os principais itens na pauta de exportação para a União Europeia, Ásia e o Leste Europeu. Putin preocupou-se em investir no âmbito militar para aumentar a segurança do Estado em tecnologia e força do exército, que já tinham sido fragilizados durante o governo de Yeltsin (Segrillo, 2012).

Putin exerce uma espécie de pêndulo, nestas duas áreas, econômica e militar, dando suporte a práticas liberais e ao mesmo tempo investindo na segurança do país, o que é positivo para conquistar cada vez mais aliados no governo, tanto do lado *siloviki*<sup>15</sup>, como dos defensores da qualidade civil e de práticas mais liberais de mercado, aumentando consequentemente, sua legitimidade. (Segrillo, 2012)

Ainda sobre o governo de Vladimir Putin, o interesse é pela manutenção da segurança do território, bem como procurar uma estabilidade em seu “anel de vizinhança”, seja asiático, seja europeu. Com relação aos países ocidentais, não há o desejo de afastar-se deste mercado, já que há ganhos comerciais altos (Zhebit, 2003).

O que se percebe é uma mudança de postura entre Rússia e Ocidente, desde o fim da Guerra Fria. Quando Putin assume o poder é que este quadro da política externa começa a ser redirecionada, por meio de aspectos endógenos e exógenos (Carmo e Pecequilo, 2010).

A Rússia desenvolveu uma visão de multipolaridade e multilateralismo com diversos países. Este novo direcionamento multipolar foi essencial para a recuperação da antiga potência. Medidas como a reaproximação com a China em 2001, por meio de uma nova cooperação

---

<sup>14</sup> A Rússia nos dois momentos históricos citados não teve participação ativa nas decisões de intervenção. No caso da antiga Iugoslávia, esta acabou se dissolvendo em Montenegro, Sérvia, Eslovênia, Bósnia e Herzegovina, Macedônia e Croácia, mesmo Rússia estando em posição contra. Já na Guerra do Golfo existiu a intervenção ativa do Ocidente e da ONU em defesa do Kuwait e a Rússia apresentou-se de forma mais neutra (Nogueira, 2000).

<sup>15</sup> Expressão usada para os apoiadores de prática estatais de intervenção nos setores estratégicos do país (Segrillo, 2012)

chamada Organização de Cooperação de Xangai (OCX), e a política externa de alinhamento com a Ásia, de forma mais ampla e já comentada anteriormente, mostram como Putin teve a preocupação de diversificar o mercado russo e sair do domínio forte dos Estados Unidos. (Carmo e Pecequilo, 2010).

É importante destacar que a Rússia sob o governo de Putin está tentando se moldar nos ditames do mercado global. Como ex-potência soviética, sua política externa está voltada para a previsibilidade e manutenção de suas doutrinas tomadas, por meio de um esquema de “engajamento pragmático” de cooperação multilateral. A Rússia está voltando a ter o controle de decisões internacionais em áreas específicas, a exemplo do seu comércio energético e da expansão da política externa do país pela Organização para Cooperação de Xangai. Dito isso, é interessante também observar o desenvolvimento da democracia no país que caminha para a manutenção do Estado de direito do país e de uma sociedade civil evoluída (Zhebit, 2003).

Por fim, com este novo direcionamento de política externa por causa das transformações domésticas ocorridas na Rússia, também é importante destacar uma característica predominante na cultura russa, ainda mais quando envolve a temática de segurança na política externa, que seria a busca da valorização da sociedade eslavófila<sup>16</sup> e seu significado aos russos. Uma corrente teórica defendida por Aleksander Dugin (2014) chamada de “neoeurasianismo” tem muito em concordância com este ponto de vista (Segrillo, 2012; Dugin, 2014).

Esta teoria entende que a Rússia deve “honrar suas características próprias”, mesmo geograficamente pertencente a uma parte europeia e outra asiática. Rejeita preceitos liberais e práticas ocidentais de desenvolvimento, busca expandir sua política, economia e geopolítica por meio de filosofia própria cultural russa. Ainda sobre os eslavófilos, estes valorizam a importância da tradição, da sua história e apoiam a separação da Rússia de aspectos do padrão ocidental. Copiar formas de “democracia liberal” é sinônimo de insensatez (Dugin, 2014: 20-21).

Dito isto, em um plano mais regional, como foi debatido na seção sobre Organização para Cooperação de Xangai (OCX), o interesse da Rússia na Ásia Central vai muito de acordo com o que a região tem a oferecer, tanto de recursos naturais como geopoliticamente estratégico em temas da agenda de segurança dos russos.

O breve histórico apresentado e a posição da política externa da Rússia no século XXI, de Estado forte, centralizador e que busca o multilateralismo também se aplica em sua agenda

---

<sup>16</sup> Eslavófilos são os que consideravam a Rússia uma civilização única e que deveria seguir um caminho próprio, independente do Ocidente. Também é considerada parte da sociedade mais madura com descendência russa e que apoia os velhos costumes e regimes antes adotados na região (Segrillo, 2012).

de segurança. No caso particular da OCX, mesmo sendo aberta para alinhamentos de agendas de segurança domésticas sino-russas na Organização, esta se mostrou fechada para influência Ocidental, o que vai de encontro com o entendimento neoeurasianista.

Por fim, diante da postura da Rússia no cenário internacional, em sua política externa e a forma que ela se apresenta na OCX, percebe-se que há um alinhamento das agendas de segurança, tanto da OCX como do âmbito doméstico russo. Como foi discutida na TCRS, a distribuição de poder é bipolar envolvendo China e Rússia. Com isso, como a influência russa na Organização é alta, os objetivos em segurança ficam alinhados, e isso pode ser visualizado também por parte da China. Por isso que questões securitizadas no Nordeste Asiático, conforma apresentado anteriormente, são espelhadas para dentro da OCX.

#### **IV. Considerações Finais**

O intuito do artigo foi trazer à tona os principais fatores que contribuíram para um novo direcionamento da política externa da Rússia na Ásia Central, por meio de uma Organização Internacional voltada à temática de segurança, chamada Organização para Cooperação de Xangai (OCX). Para isto, foram discutidos as principais transformações domésticas ocorridas na Federação Russa e os impactos observados na política externa do país, com breve contextualização histórica da Guerra Fria até o governo de Vladimir Putin, em que foi observada na prática uma nova postura internacional.

Dito isto, também foi feita a discussão da OCX, destacando seus objetivos na temática de segurança e os principais pontos de securitização abordados pela Organização, a exemplo de terrorismo, resolução de conflitos das fronteiras dos países integrantes, tráfico de drogas, problemas migratórios, dentre outros. Inicialmente criada para estes fins, há também o desejo de expansão da Organização no sentido de tratar mais áreas de interesse, envolvendo as duas grandes potências existentes dentro dela, Rússia e China. Para os russos, há a intenção de expansão do mercado energético, em que Putin almeja o fortalecimento de um “Clube de Energia” envolvendo os integrantes da OCX, enquanto que os chineses estão mais voltados para a expansão do mercado comercial de produtos, continuando assim sua expansão mercantil na Ásia que já é forte, bem como barrar a influência Ocidental no continente.

Neste ponto, russos e chineses convergem em seus interesses, visto que a ideologia neoeurasiana é muito forte nas tomadas de decisão destes atores, principalmente pelos russos, que são mais objetivos neste aspecto. Também foi discutida a forma de política externa da Rússia dentro da OCX (via estudo de caso) e como o posicionamento do país não se altera em

comparativo com suas ações de política doméstica na discussão dos mesmos temas de segurança. Isso reflete a importância e peso da Rússia dentro da Organização, assim como a China, direcionando e gerenciando os temas de segurança entre os membros.

Com a aplicação da Teoria dos Complexos Regionais de Segurança na Organização para Cooperação de Xangai, foi inserido o entendimento de “poder regional”, “securitização”, “dessecuritização”, “comunidade de segurança” e “*spill over*”. Os resultados da teoria aplicada dos Complexos Regionais de Segurança na OCX podem ser visualizados pela “Quadro2: Aplicação CRS para OCX”.

A teoria mostrou que na OCX a ordem é de “Organização Inter-Governamental”, sua distribuição de poder como “Bipolar”, com grau de polarização “alta”, tipo de Complexo Regional de Segurança “standard/padrão” e *spill over* “aberto”, ou seja, possui alinhamento de agendas de segurança domésticas sino-russas com a OCX e também compartilha problemas recorrentes no Nordeste Asiático, como movimentos separatistas, terrorismo e tráfico.

Com o exposto, conclui-se que a Rússia consegue impor sua agenda de segurança na OCX porque o país exerce um poder de influência muito elevado nela, já que a distribuição de poder na Organização é bipolar, junto com a China. Com isso, devido ao posicionamento de política externa da Rússia estar forte e em crescimento na Ásia, principalmente quando trata-se da agenda de segurança do país, o alinhamento desta com a agenda de segurança na OCX é diretamente proporcional. Mesmo não podendo ser classificada com características hegemônicas, conforme debatido no artigo, Rússia detém uma parcela de liderança na Organização para Cooperação de Xangai e projeta poder na temática de segurança na região da Ásia Central.

## V. Referências

BERG, B. L. Qualitative research methods for the social sciences.4. ed. **Needham Heights: Pearson**, 2001.

Disponível em: <[http://simbi.kemenag.go.id/pustaka/images/qualitative\\_research\\_methods\\_for\\_the\\_social\\_sciences.pdf](http://simbi.kemenag.go.id/pustaka/images/qualitative_research_methods_for_the_social_sciences.pdf)> Acesso em 30 mai. 2018

BROS, Aurélie; RICHARD, Yann. RELAÇÃO ENERGÉTICA RUSSIA - UNIÃO EUROPEIA. **Mercator**, Fortaleza, v. 10, n. 21, p. 7 a 31, jan. 2011. ISSN 1984-2201.

Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/548>>. Acesso em 10 dez. 2017.

BUZAN, Barry; WÆVER, Ole. **Regions and Powers: the structure of international security**. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2003.

CARMO, Corival Alves; PECEQUILO, Cristina Soreanu. **O status da Rússia na Política Internacional: de Superpotência a emergente?** In: 7º Encontro da ABCP, 4 a 7 de agosto de 2010, Recife. Disponível em:

<[http://www.academia.edu/6590471/O\\_Status\\_da\\_R%C3%BAssia\\_na\\_Pol%C3%ADtica\\_Internacional\\_de\\_Superpot%C3%AAncia\\_a\\_Emergente](http://www.academia.edu/6590471/O_Status_da_R%C3%BAssia_na_Pol%C3%ADtica_Internacional_de_Superpot%C3%AAncia_a_Emergente)>. Acesso em 31 out. 2017.

DUGIN, Aleksander. **Eurasian Misson: An Introduction To Neo-Eurasianism**. Arktos. 2014.

FEDERATION OF AMERICAN SCIENTISTS (FAZ). *Status of World Nuclear Forces 2017*. Disponível em: <<https://fas.org/issues/nuclear-weapons/status-world-nuclear-forces/>> Acesso em 02 jan, 2018.

FREIRE, Maria Raquel. A política externa em transição: o caso da Federação Russa. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 23, set. 2009. Disponível em

<[http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-91992009000300005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992009000300005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 12 out. 2017.

FREIRE, Maria Raquel. Confluência na Ásia? As relações Rússia-China. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 38, p. 95-104, jun. 2013. Disponível em

<[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-91992013000200008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992013000200008&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em 31 out. 2017.

HENRIQUES, A. B. L.; LEITE, A. C. C. JÚNIOR, A. W. M. T. Reavivando o método qualitativo: as contribuições do Estudo de Caso e do *Process Tracing* para o estudo das Relações Internacionais. **Revista Debates**. Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 09-23, jan.-abr. 2015. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/52333>> Acesso em 30 Jun. 2018

HETTNE, BJÖRN; INOTAI, ANDRÁS; SUNKEL, OSVALDO (Org.). **National Perspectives On the New Regionalism in the South**: Vol. 3. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2000.

NAARAJARVI, Teemu. China, Russia and the Shangai Cooperation Organisation: Blessing Or Curse For New Regionalism In Central Asia? vol. 10. **Asia Europe Journal**, 2012.

NOGUEIRA, João Pontes. A guerra do Kosovo e a desintegração da Iugoslávia: notas sobre a (re)construção do Estado no fim do mil. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 15, n. 44, p. 143-160, Oct. 2000. Disponível

- em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092000000300008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092000000300008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 15 jun. 2018.
- PONS, Silvio. Império, estado e ideologia na URSS stalinista. **Lua Nova**, São Paulo , n. 75, 2008 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452008000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452008000300006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 Out. 2017.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico:métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo/RS: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://migre.me/eqVxf>> Acesso em 01 jun. 2018
- RIBEIRO, Erik Herejk. A Expansão da Organização para a Cooperação de Xangai (OCX): Uma Coalizão Anti-Hegemônica? In: I Seminário Internacional de Ciência Política, Estado e Democracia em Mudança no século XXI. I Seminário Internacional de Ciência Política, set. 2017, Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/sicp/wp-content/uploads/2015/09/RIBEIRO-A-Expans%C3%A3o-da-Organiza%C3%A7%C3%A3o-para-a-Coopera%C3%A7%C3%A3o-de-Xangai-Uma-Coaliz%C3%A3o-Anti-hegem%C3%B4nica.pdf>> Acesso em 30 set. 2018.
- SEGRILLO, Ângelo. A diarquia Putin-Medvedev: dimensões da política interna e da política externa. In: ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli (org.). **Uma longa transição – Vinte Anos de Transformações na Rússia**. Brasília: IPEA, 2011. Cap. 4, p. 137-154. Disponível em:<[https://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/livro\\_russia.pdf#page=40](https://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_russia.pdf#page=40)>. Acesso em 29 out. 2017.
- SEGRILLO, Angelo. A questão da democracia na Rússia pós-soviética. In: ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli (Org.). **O renascimento de uma potência? A Rússia no século XXI**. Brasília, 2012. Cap. 3, p. 97-128. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3042>>. Acesso em 29 out. 2017.
- SHIN, MyungJoo. Análise da formação de Complexos Regionais de Segurança (CRS): um estudo comparativo entre a América do Sul e o leste asiático. 2015. 98 f. Dissertação (mestrado) - UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa San Tiago Dantas, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/136792>>. Acesso em 10 jun. 2018.
- TANNO, Grace. A contribuição da escola de Copenhague aos estudos de segurança internacional. **Contexto int.**, Rio de Janeiro , v. 25, n. 1, p. 47-80, June 2003 . Available from<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-85292003000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292003000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 30 Oct. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-85292003000100002>.



THE WORLD BANK. *Armed Forces Personnel, total*. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/MS.MIL.TOTL.P1?end=2016&locations=RU-CN-US&start=1980>> Acesso em 07 ago. 2018.

THE WORLD BANK. *GDP*. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?end=2016&locations=RU-CN-US&start=1980>> Acesso em 02 jun. 2018.

THE WORLD BANK. *Military Expenditure*. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/MS.MIL.XPND.GD.ZS?end=2016&locations=RU-CN-US&start=1980>> Acesso em 02 jun. 2018

VENESSON, Paul. Case studies and process tracing: theories and practices. In: DELLA PORTA, Donatella. KEATING: Michael. *Approaches and Methodologies in Social Sciences: a pluralist perspective*. New York: **Cambridge University Press**, 2008. p. 223-239.

ZHEBIT, Alexander. A Rússia na ordem mundial: com o Ocidente, com o Oriente ou um pólo autônomo em um mundo multipolar? **Rev. bras. polít. int.**, Brasília, v. 46, n. 1, June 2003. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-73292003000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292003000100008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 15 out. 2017.

Recebido em: Agosto/2018.

Aprovado em: Outubro/2018.